

## **O IMPACTO DA VOZ NA QUALIDADE DE VIDA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE MARÍLIA.**

Priscila Haydée de Souza, Eliana Maria Gradim Fabron, Luciana Tavares Sebastião. – Ciências Biológicas – Fonoaudiologia – Departamento de Fonoaudiologia – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

Dentro da Fonoaudiologia, os estudos na área de voz profissional vêm crescendo anualmente. Tais estudos visam o aprimoramento vocal, considerando a voz como meio de interação social, recurso expressivo da comunicação. Nessa área, os cantores há muito recebem grande atenção. Entretanto, a partir da década de 80, a atenção da fonoaudiologia voltou-se para os professores, considerando a voz destes como recurso didático, instrumento indispensável ao exercício profissional docente. Esse fenômeno se deu mundialmente e muitos estudos a cerca da voz destes profissionais começaram a surgir, desde então (Fabron, 2005).

Um dos motivos que levaram a fonoaudiologia a voltar-se para os profissionais da docência foi a grande demanda destes nos consultórios tanto médicos como fonoaudiológicos, com queixa de problemas vocais, o que impedia ou dificultava sua atuação profissional. Isso leva a uma reflexão acerca de alguns conceitos abordados pela Organização Mundial da Saúde (World Health Organization, 1980): *impairment*, *disability* e *handicap*, onde *impairment* é descrito como uma anormalidade, defeito, da função física ou mental; *disability* é descrito como uma incapacidade em consequência de um defeito; e *handicap* como uma desvantagem decorrente de um defeito ou de uma incapacidade. Seguindo o raciocínio proposto pela OMS, se os professores apresentarem nódulos em suas pregas vocais, eles terão um defeito na função física, ou seja, *impairment*. Se apresentarem esse defeito, terão uma voz rouca e cansada, o que impede uma comunicação fluida, é uma incapacidade, ou seja, *disability*. E em consequência dessa incapacidade decorrente daquele defeito de outrora, o profissional em questão terá uma desvantagem, ou seja, um *handicap* (Behlau et al., 2001).

Pensando nessas questões de desvantagens, representadas pela grande presença dos professores nos consultórios fonoaudiológicos, foram realizadas pesquisas enfocando-os em diversos níveis, como os de Ensino Fundamental, Ensino médio, de Ensino Superior, e nesse caso, em particular, os professores do Ensino Infantil.

A atuação dos professores de Educação Infantil têm algumas peculiaridades, a maior parte usa a voz durante 8 horas diárias, interagindo e mantendo a atenção da população infante. Tais profissionais usam a voz para dar expor algum conteúdo, para contar histórias, para ensinar e cantar músicas infantis, para chamar a atenção das crianças e para conversar com seus colegas, o que representa a necessidade de uma grande variabilidade de tons e intensidades vocais durante o dia e no decorrer da semana, bem como a necessidade de uma variabilidade na velocidade de fala destes indivíduos, de acordo com o contexto. Muitas vezes o ambiente não colabora com a projeção da voz do professor, pois são poucas salas de aula, os horários de parque são intercalados entre as turmas, ou seja, enquanto uma turma está na sala de aula, tendo aula expositiva, outras estão no refeitório, outras estão no parque, para atividades lúdicas, e outras estão tendo aula no quiosque, exigindo que este abuse de sua qualidade vocal. Os quiosques e os parques ficam localizados em áreas abertas, muitas vezes próximos às ruas, onde passam pessoas, carros, motos e ônibus, fatores estes que competem com a voz do professor que está no parque ou no quiosque. E ainda as crianças que estão no parque são responsáveis por grande parte do ruído que compete com a voz da professora que está no quiosque.

É importante observar não só o desgaste vocal das professoras, mas o quanto isso interfere em sua vida, ou melhor, em sua qualidade de vida, não esquecendo que esses fatores também interferem na qualidade de vida dos alunos e no aprendizado deles. Diante desta realidade, docentes e discentes do curso de Fonoaudiologia da UNESP/Marília vêm desenvolvendo um projeto de extensão e de pesquisa com o objetivo de oferecer ações educativas sobre voz com professores e alunos da educação infantil, cujos programas envolvem mini-cursos sobre anatomia e fisiologia da fonação, higiene vocal, ruído e exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal para os professores; e anatomia e fisiologia da fonação, higiene

vocal e ruído, como fator que compete com a qualidade da voz de quem ensina ou de quem fala, para as crianças.

Pensando em qualidade de vida, algo que tem sido motivo de estudo de diversas áreas do conhecimento, na área da saúde, esta preocupação levou ao desenvolvimento de alguns protocolos para levantamento, estimativa, da qualidade de vida nos pacientes doentes. Na fonoaudiologia, no que concerne à área de voz, foram desenvolvidos 2 protocolos para mensurar o impacto da voz na qualidade de vida dos indivíduos disfônicos. Um deles é o QVV (protocolo de Qualidade de Vida e Voz), um protocolo adaptado e traduzido para o português do instrumento VRQOL – *Voice-Related Quality of Life Measure*, desenvolvido por Hogikyan e Seturaman em 1999, Tal protocolo, de caráter minimalista, tem se mostrado de grande valia para a compreensão do impacto que a voz traz à vida das pessoas, dos profissionais da voz e até mesmo para o acompanhamento da evolução de casos clínicos (Behlau et al., 2001).

O QVV é composto por 10 questões, que podem ser divididas em 3 domínios, sendo 6 das questões (1, 2, 3, 6, 7 e 9) correspondentes ao domínio físico, 4 delas (4, 5, 8 e 10) correspondentes ao domínio sócio-emocional e o terceiro domínio engloba todas as questões, que é o domínio global. As questões de domínio físico são referentes a fatores que envolvem aspectos fisiológicos e reúnem as questões de número 1, “Tenho dificuldades em falar forte (alto) ou ser ouvido em ambientes ruidosos”; a questão número 2, “O ar acaba rápido e preciso respirar muitas vezes enquanto eu falo”; a questão 3, “Não sei como a voz vai sair quando começo a falar”; a questão 6, “Tenho dificuldades ao telefone (por causa da minha voz)”; a questão 7, “Tenho problemas no meu trabalho ou para desenvolver minha profissão (por causa da voz)”; e a questão número 9, “Tenho que repetir o que falo para ser compreendido”. As questões de domínio sócio-emocional são referentes a fatores que envolvem aspectos emocionais e sociais e reúnem as questões de número 4, “Fico ansioso ou frustrado (por causa da minha voz)”; a questão 5, “Fico deprimido (por causa da minha voz)”; a questão 8, “Evito sair socialmente (por causa da voz)”; e a questão 10, “Tenho me tornado menos expansivo (por causa da minha voz)”. As questões de domínio global são referentes a ambos os domínios, reunindo todas as questões anteriores. O protocolo é apresentado com escala de 5 pontos, na qual o indivíduo pontua o valor correspondente à sua auto-avaliação de impacto, sendo que 1 representa “nunca acontece e não é um problema”, 2 representa “acontece pouco e raramente é um problema”, 3 representa “acontece às vezes e é um problema”, 4 representa “acontece muito e quase sempre é um problema” e, por fim, o valor 5 representa “acontece sempre e realmente é um problema”.

Grillo e Penteado, em 2005, desenvolveram uma pesquisa abordando o tema “Impacto da voz na qualidade de vida de professores do ensino fundamental” e usaram como recurso para a obtenção dos dados a esse respeito o protocolo acima mencionado.

Diante do exposto, o objetivo desse trabalho foi avaliar o impacto da voz na qualidade de vida dos professores da educação infantil.

Participaram deste estudo 18 professoras da Educação Infantil de 2 EMEIs (Escola Municipal da Educação Infantil) de Marília, integrantes do projeto “Ações Educativas sobre Voz com Professores e Alunos da Educação Infantil”, sendo que 14 delas são de uma escola e 4 delas de outra escola. As professoras têm idade entre 27 e 51 anos, com formação em magistério, serviço social, direito, letras, biblioteconomia, pedagogia e pedagogia com habilitação em administração escolar e educação infantil. Todas elas assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido para que fosse possível usar os dados coletados.

Foi entregue a cada uma delas um protocolo de QVV para que elas se auto-avaliassem, assinalando uma pontuação referente à percepção do impacto da voz na qualidade de vida das mesmas. Após a coleta dos dados foi realizado um cálculo já proposto em literatura para mensurar os escores de cada QVV e a média de escores obtida com as 18 professoras (Behlau et al., 2001). O cálculo dispõe da seguinte fórmula:

$$\text{Escore} = 100 - \frac{(\# \text{ total de pontos obtidos pelo indivíduo} - \# \text{ n}^\circ \text{ de itens, questões})}{(\# \text{ total máximo de pontos possível} - \# \text{ n}^\circ \text{ de itens, questões})} * 100$$

Essa fórmula foi utilizada para mensurar os escores dos domínios físico, sócio-emocional e global, bem como para o escore de cada questão. Esse procedimento favorece a comparação dos dados referentes ao grau do impacto na qualidade de vida das professoras.

Geralmente, os protocolos relacionados à qualidade de vida, estabelecem um cálculo onde hajam valores de 0 a 100. Os valores dessa escala foram sub-divididos em 5 classes, às quais foram comparadas com as classes de pontuação utilizada para avaliação do impacto na qualidade de vida contida no protocolo QVV, ou seja, os valores de escore encontrados entre 0 e 20 indicam que tal questão “acontece sempre e realmente é um problema ruim” e recebe avaliação, portanto, de um impacto muito ruim na qualidade de vida do indivíduo; os valores de escore entre 21 e 40 indicam que tal questão “acontece muito e quase sempre é um problema” e recebe avaliação, portanto, de um impacto ruim, significando um problema para o indivíduo; os valores de escore entre 41 e 60 indicam que tal questão “acontece às vezes e é um problema moderado”; os valores de escore entre 61 e 80 indicam que tal questão “acontece pouco e raramente é um problema” e recebem avaliação de um impacto leve na vida do indivíduo; e, por fim, os valores de escore entre 81 e 100 indicam que tal questão “nunca acontece e não é um problema” e não representam um impacto negativo na qualidade de vida do indivíduo.

Com relação ao domínio físico, o escore resultante da análise dos dados obtidos nos indivíduos da pesquisa é 70,8, indicando que as questões referentes a esse domínio causam um impacto de grau leve na qualidade de vida dos indivíduos estudados. Seguem, então, os dados individuais de cada questão do domínio físico: questão 1, com escore 55,5; questão 2, com escore 62,5; questão 3, com 63,8; questão 6, com 88,9; questão 7, com 79,2; e questão 9, com escore 75. As questões 1 e 2, referentes às dificuldades em falar forte (alto) ou ser ouvido em ambientes ruidosos e ao fato de o ar acabar, havendo necessidade de respirar várias vezes durante a fala, com escore 55,5 e 62,5, indicam um impacto na qualidade de vida de grau moderado e leve, respectivamente. Entretanto, analisando as respostas de algumas professoras, de forma isolada, observa-se que 55,1% das professoras consideraram a questão 1 como um problema de grau moderado a muito ruim e 38,8% delas consideram a questão 2 como um problema da mesma classificação.

No domínio sócio-emocional, o escore resultante da análise dos dados obtidos nos indivíduos da pesquisa é 86,4, o que indica que as questões referentes a esse domínio não geram um impacto significativo na qualidade de vida de tais professoras. Os valores obtidos em cada questão desse domínio são: questão 4, com escore 75; questão 5, com 91,6; questão 8, com 95,8; e questão 10, com escore 83,3. Como pode ser observado, apenas a questão 4 (Fico ansioso ou frustrado por causa da minha voz) apresentou um grau de impacto um pouco maior na qualidade de vida dos professores, mas não o suficiente para modificar o domínio sócio-emocional. Ainda no que diz respeito ao domínio sócio-emocional, na questão número 8, há um valor muito expressivo em que 94,4% das professoras apontaram a voz como não sendo um problema para sair socialmente, entretanto, uma delas pontuou esta questão com o grau 4, o que indica que para esta professora a voz representa um problema que a impede de sair socialmente.

Com relação ao domínio global, pôde-se observar uma variação de 37,5 a 100, com um escore médio de 77,1, o qual indica que a voz gera um impacto de grau leve na qualidade de vida das professoras. Ainda no domínio global, foi possível fazer uma correlação entre a faixa etária das professoras, divididas por décadas, o escore obtido no QVV e o grau de impacto da voz na qualidade de vida delas. Tais dados podem ser melhor compreendidos através da Tabela 1, sendo que n representa a quantidade de professoras pertencentes a tal categoria etária.

<b>Faixa etária</b>	<b>n</b>	<b>escore</b>	<b>grau</b>
21-30	2	66,5	leve
31-40	13	80,3	sem impacto
41-50	2	72,5	leve
51-60	1	65	leve

Tabela 1. Escores do domínio global segunda as faixas etárias.

Na faixa etária de 21 a 30 anos (duas professoras) a média do escore do QVV é de 66,5, sendo considerada a voz como responsável por um impacto de grau leve na qualidade de vida delas, porém é preciso considerar que uma delas, com 30 anos, a mesma que pontuou o grau 4 na questão de número 8, computou um escore de domínio global de 37,5, o que indica que ela auto-avaliou sua voz como responsável por um impacto ruim, significando um problema em sua vida. Na faixa etária de 31 a 40 anos (13 professoras) o escore geral foi 80,3, o que representa que tais professoras consideraram a voz como responsável por um pequeno ou nenhum impacto na qualidade de vida delas. Porém, ao observar melhor os dados, é possível perceber que 6 delas, 46,2%, computaram um escore de domínio global 65,0, o que indica um impacto de grau leve da voz na qualidade de vida delas. Em contrapartida, 7 delas, 53,8%, computaram um escore de domínio global 93,6, sendo que uma delas totalizou 100 pontos no QVV, o que indica que a voz para estas professoras causa pouco ou nenhum impacto na qualidade de vida, e, para esta última, nenhum impacto.

Diante dos dados expostos, é relevante fazer aqui uma comparação com os dados encontrados por Grillo e Penteado em 2005, na pesquisa sobre o impacto da voz na qualidade de vida de professores do ensino fundamental, cujo escore de domínio global foi 84,2, indicando que tais professores auto-avaliaram sua voz como responsável por pouco ou nenhum impacto em sua qualidade de vida (Grillo e Penteado, 2005). Isso permite evidenciar que nos achados da pesquisa realizada com a Educação Infantil, a auto-avaliação do impacto da voz na qualidade de vida obteve um escore de grau leve, indicando haver algum impacto por parte da voz na qualidade de vida dos professores da Educação Infantil. Tal diferença de resultados pode ser explicada pela diferença referente ao ambiente ocupado pelos professores do ensino infantil e às atividades diferenciadas de docência, envolvendo necessariamente a voz das professoras como recurso didático. É importante considerar, também, a diferença quantitativa das amostras envolvidas nas duas pesquisas, o que indicaria que por esta diferença na quantidade de sujeitos, poderia haver uma variação nos resultados desta breve comparação.

Em suma, conforme o que a Declaração de Jacarta preconiza como prioridades para o século XXI, em salvaguardar as pessoas no mercado e local de trabalho, é necessário que haja um trabalho elaborado especialmente para os profissionais da voz, como estes professores, visando a saúde vocal dos mesmos (Penteado e Bicudo-Pereira, 1999). O trabalho envolvendo a Saúde Vocal não deve ser prioritariamente curativo, mas sim preventivo, com ações de promoção à saúde, já que é evidente a necessidade que tal população têm com relação à própria voz. Aliás, esse é um dos objetivos do projeto Ações Educativas sobre Voz com Professores e Alunos da Educação Infantil, desenvolvido por docentes e discentes do curso de Fonoaudiologia da UNESP, que teve sua necessidade comprovada por esta pesquisa.

#### **Referências bibliográficas:**

- BEHLAU, M.; MADÁZIO, G.; FEIJÓ, D.; PONTES, P. Avaliação de voz. In: BEHLAU, M. (Org.). Voz: o livro do especialista. *Revinter*, Rio de Janeiro, 2001. v. 1, cap. 3, p. 85-246.
- FABRON, E.M.G. A voz como recurso didático e julgamento de suas qualidades. 2005. 151 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília.
- GRILLO, M.H.M.M.; PENTEADO, R.Z. Impacto da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. *Pró-Fono R. Atual. Cient.*, Barueri, v. 17, n. 3, 2005.
- PENTEADO, R. Z.; BICUDO-PEREIRA, I. M. T. A voz do professor: relações entre trabalho, saúde e qualidade de vida. *Rev. Bras. Saúde Ocupacional*, São Paulo, n. 95/96, v. 25, p. 109-130, abr. 1999.

**Bolsa:** Núcleo de Ensino